



## **PRECONCEITO OU DESPREPARO? Uma investigação acerca da percepção dos docentes de Pedagogia sobre formação de professores na modalidade EAD**

Carla Netto<sup>1</sup> PUCRS

Lucia Maria Martins Giraffa<sup>2</sup> PUCRS

### **Resumo:**

Este artigo é resultante de uma investigação que busca identificar nas opiniões dos docentes do curso de Pedagogia sobre formação de professores na modalidade a distância, se a visão negativa está vinculada a preconceitos oriundos de uma prática sem resultados qualificados ou pela falta de conhecimento técnico e metodológico relacionados à EAD. A pesquisa constituiu-se numa análise qualitativa, descritiva, naturalístico-constructiva, com levantamento bibliográfico e pesquisa de campo, enriquecida com as contribuições buscadas na Análise Textual Discursiva (ATD). A interpretação dos resultados desta pesquisa indica que a maior resistência está justamente naquele docente que não possui fluência com uso de tecnologias numa perspectiva pedagógica. Ou seja, é uma questão de desconhecimento de como usar e suas possibilidades do que uma resistência oriunda da prática diária. Cabe salientar que a diversidade de métodos e formas de trabalho deve ser preservada na academia, visto que ela é um pressuposto basilar para o desenvolvimento do conhecimento. Porém, não se pode negar as possibilidades da EAD sem antes vivenciá-las ou conhecê-las melhor.

**Palavras-chave:** Formação de Professores. Educação a distância. Ensino superior.

### **1 Introdução**

Nos últimos anos os cursos de graduação a distância vêm apresentando um crescimento vertiginoso, em especial as Licenciaturas. Os dados do Censo da Educação Superior (2009) apontam que a graduação em Pedagogia na modalidade a distância é a que apresenta o maior número de matrículas (286.771), representando 34% do número total de matrículas em EAD no Brasil.

Apesar da expansão da EAD, a modalidade ainda é vista com preconceito e associada à baixa qualidade de ensino ou ao atributo de um curso sem validade. Conforme aponta Kenski ([2011]),

---

<sup>1</sup> Bolsista do – CNPq – doutoranda FAGED/PUCRS

<sup>2</sup> Professora/Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação- FAGED/PUCRS- Professora Titular da FACIN/PUCRS-CAPEs

isso ocorre, principalmente, por causa do medo infundado – o mito de que o computador vai substituir o professor – e o desconhecimento. Não se exclui também a acomodação dos profissionais que precisam mudar as práticas docentes, assumir novas posturas e passar a ter um comportamento de permanente atualização profissional. Por outro lado, projetos ruins, a ênfase demasiada aos aspectos tecnológicos e aos conteúdos e o fracasso de algumas iniciativas equivocadas, contribuem para ampliar este preconceito e o estigma de EAD como um ensino de segunda categoria.

A qualidade da graduação a distância requer planejamento cuidadoso (como qualquer projeto presencial), um acompanhamento diferenciado enquanto o curso ocorre e devem ser considerados alguns elementos que auxiliam a agregar qualidade ao projeto, tais como: perfil docente, proporção de alunos/tutor, modelagem do ambiente virtual, interatividade, material didático, laboratórios virtuais, laboratórios didáticos presenciais, avaliação, equipe de apoio, encontros presenciais, estágio de docência, biblioteca digital, biblioteca presencial e laboratório de informática (NETTO, GIRAFFA e FARIA, 2010).

A maioria dos professores que atuam hoje na Educação não foi formada com o uso de recursos tecnológicos e possui pouca vivência na sua aplicação como elemento apoiador das atividades envolvendo o ensino e a aprendizagem. Sendo assim, é natural esperar que muitos dos professores que atuam na educação superior, com larga experiência em ensinar no presencial, possuam resistência e certo preconceito relacionado à modalidade EAD. Segundo Azevedo (2011), essa é a maior dificuldade encontrada no desenvolvimento de programas de Educação a Distância.

Kenski ([2011]) corrobora com essa ideia ao destacar que

estamos diante de uma nova realidade educacional. Os currículos tradicionais de formação de professores são orientados ao ensino presencial. A formação para a docência a distância, sobretudo o e-learning, necessita de novas competências que não são trabalhadas nem em cursos de formação inicial, nem em atualizações pedagógicas fornecidas pelos sistemas de ensino.

O fato dos profissionais da Educação Superior, especialmente aqueles que trabalham com formação de professores, como no caso da Pedagogia e Licenciaturas, desconhecerem estratégias didáticas específicas para a modalidade EAD pode contribuir significativamente para que se tenha uma versão negativa do processo mediado por tecnologias e auxiliar a prejudicar as iniciativas que vem sendo construídas no sentido de aumentar o acesso da população à universidade, especialmente num país tão diverso e continental como o Brasil.

## 2. Cursos de Licenciatura na Modalidade EAD

Na década de 90 as universidades brasileiras começaram a despertar para a Educação a Distância com a disseminação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e sua aplicação no processo educacional. A partir de 1995 começaram a surgir algumas experiências isoladas, direcionadas para a formação de professores. (KIPNIS, 2009)

A Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá, pode ser considerada, do ponto de vista da oferta de curso de graduação, a pioneira em oferecer Licenciatura a distância, com o curso de Pedagogia (Educação Básica, 1ª à 4ª séries), implantado em caráter experimental.

No Paraná, em 2000, foi lançado o Curso Normal Superior para os professores em exercício na rede pública, sem nível superior, numa parceria entre a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e a Universidade Eletrônica do Brasil (UEB).

Em São Paulo, um convênio entre 3 universidades (PUC-SP, UNESP e USP) e a Secretaria de Educação de São Paulo, ofertou, em 2001, um programa especial de licenciatura plena para professores das séries iniciais do ensino fundamental, distribuídos por 34 localidades de São Paulo. Nesse mesmo ano, o Distrito Federal, numa parceria da UnB com a Secretaria de Educação, ofertou o curso de Pedagogia para 1000 professores em exercício da rede pública.

Em Minas Gerais, numa parceria de 18 universidades, centros universitários e outras IES com a Secretaria de Educação, foi lançado o Projeto Veredas, com uma oferta de 15.000 vagas destinadas a professores, sem graduação, em exercício na rede pública de Educação. Entre 2002 e 2005, depois de 4 anos, dos 14.136 alunos matriculados, diplomaram-se 13.749 alunos na modalidade a distância.

A partir da expansão do ensino médio no Brasil e, conseqüentemente, o aumento do número de matrículas, a situação do sistema educacional brasileiro agravou-se muito, pois a capacidade de formação de professores para o ensino básico pelas universidades brasileiras não acompanhava essa demanda. Assim, o MEC precisou coordenar algumas ações com a finalidade de diminuir essa carência de professores, entre elas, o investimento na formação inicial e continuada de professores na modalidade a distância (PROFORMAÇÃO, Pró-Licenciatura e o sistema UAB (Universidade Aberta do Brasil) que inicialmente foi vinculado à Secretaria Especial de EAD (SEED/MEC) e atualmente esta vinculado a CAPES (<http://www.uab.capes.gov.br/index.php>).

Atualmente as ações do governo federal envolvendo EAD incluem, além do sistema UAB, o Programa Nacional de Formação em Administração Pública – PNAP, SisUAB é uma plataforma de suporte para a execução, acompanhamento e gestão de processos da Universidade Aberta do Brasil e ATUAB, que é o ambiente de trabalho da Universidade Aberta do Brasil restrito aos seus colaboradores do sistema. E, segundo a CAPES, configura-se como numa personalização do ambiente virtual de aprendizagem (AVA) Moodle para o compartilhamento de informação, comunicação entre a Capes, IES e Polos, além da gestão e discussão de temas de interesse para o desenvolvimento do Sistema UAB.

### **3. A organização da pesquisa desenvolvida**

A pesquisa constituiu-se numa análise qualitativa, descritiva, naturalístico-constructiva, com levantamento bibliográfico e pesquisa de campo, enriquecida com as contribuições buscadas na Análise Textual Discursiva (ATD) baseadas no trabalho de (MORAES e GALIAZZI, 2007)

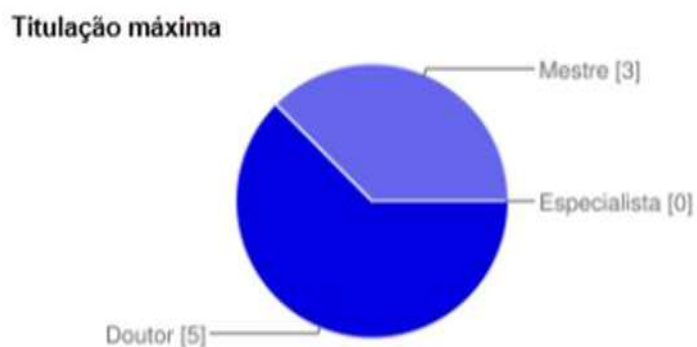
A abordagem naturalística-constructiva, também denominada de abordagem qualitativa-constructiva, assume uma realidade construída pelos sujeitos, buscando chegar à compreensão dos fenômenos e problemáticas investigados, examinando-os no próprio contexto em que ocorrem.

Nesse sentido, a abordagem qualitativa foi escolhida como forma de análise, pois

se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1999, p. 21-22).

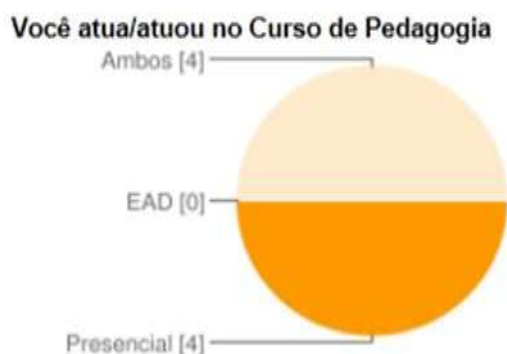
Os sujeitos da pesquisa foram 8 professores de 4 Instituições de Ensino Superior (IES) no Rio Grande do Sul, atuantes no Curso de Pedagogia. Dos 8 professores, 5 deles são doutores e 3 são mestres, conforme o Gráfico 1:

**Gráfico 1:** Titulação dos sujeitos da pesquisa



Dos 8 professores pesquisados, metade atua/atuou apenas no presencial e a outra metade em ambas as modalidades de ensino, conforme o Gráfico 2:

**Gráfico 2:** Modalidade de atuação dos sujeitos da pesquisa



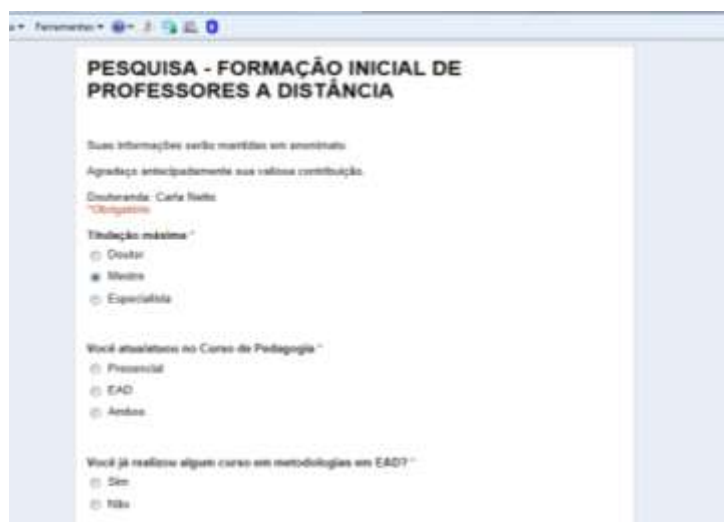
Para a realização desta investigação utilizou-se como instrumento de pesquisa o questionário, que “é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas” (LAKATOS e MARCONI, 2001, p. 98), que devem ser respondidas sem a presença do investigador. Segundo esses autores, algumas das vantagens do uso do questionário como instrumento de pesquisa são:

- Atinge maior número de pessoas simultaneamente;
- Abrange uma área geográfica mais ampla;
- Obtém respostas mais rápidas e mais precisas;
- Há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato;
- Há menos risco de distorção, pela não influência do pesquisador;
- Há mais tempo de responder e em hora mais favorável;

- Há mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento;
- Obtém respostas que materialmente seriam inacessíveis. (p. 98).

Optou-se por esse tipo de coleta dos dados, porque o instrumento poderia ser disponibilizado de forma *online* por concentrar as informações de forma organizada num único local. Para tal foi construído o questionário usando o Google Forms e a figura 1 apresenta a tela inicial do instrumento:

**Figura 1:** Pesquisa disponibilizada através do Google Forms



PESQUISA - FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES A DISTÂNCIA

Suas informações serão mantidas em anonimato.  
Agradeça antecipadamente sua valiosa contribuição.

Docente(a): Carla Nêda  
Universidade

Título(a) máxima \*

Doutor

Mestre

Especialista

Você atuou(a) no Curso de Pedagogia \*

Presencial

EAD

Ambos

Você já realizou algum curso em metodologias em EAD? \*

Sim

Não

Para realizar a Análise Textual Discursiva seguiu-se os três primeiros elementos do ciclo proposto por Galiazzi e Moraes (2007):

1. Desmontagem dos textos: esta etapa, também denominada unitarização, corresponde à análise detalhada dos textos, com o intuito de fragmentá-los, chegando a unidades constituintes.
2. Estabelecimento de relações: esta etapa está relacionada com a categorização, ou seja, o estabelecimento de relações entre as unidades de base, chegando a uma classificação.
3. Captando o novo emergente: esta é fase que desencadeia numa compreensão renovada do todo, ou seja, o metatexto resultante desse processo é o produto de uma nova combinação dos elementos construídos anteriormente.

#### 4. Qual a visão dos docentes do Curso de Pedagogia? - Os resultados da investigação

A graduação na modalidade a distância é um tema que gera muitos debates no meio acadêmico. De um lado há o grupo que acredita que há a necessidade dos processos educativos formais incorporarem as tecnologias, atualizar os processos de ensinar e aprender focando na aprendizagem e não no ensino. Do outro lado há os que acreditam na impossibilidade de um estudante aprender com qualidade em frente a um computador ou uma televisão estando separado fisicamente de outros colegas (SOMMER, 2011).

Apesar dessa simplificação para fins de caracterização dos grupos estereotipados que geralmente se utilizam para colocar os professores em função de sua “adesão” ou não aos recursos da EAD, cabe salientar que muitos dos recursos tradicionalmente associados à modalidade a distância já fazem parte das aulas presenciais de muitos professores. Ou seja, acredita-se que em curto espaço de tempo a separação entre o que é realmente virtual e o presencial não fará mais sentido. Em pouco tempo estaremos falando de Educação apoiada em tecnologias e o que irá variar e caracterizar a EAD será a distância física e não a metodológica.

Diante dessa perspectiva foi perguntado aos docentes do Curso de Pedagogia qual a visão deles acerca da formação de professores na modalidade a distância. O objetivo era identificar se a visão negativa sobre a formação de professores a distância está relacionada à falta de conhecimento de tecnologias e metodologias tradicionalmente associadas à EAD ou a algum resultado de vivência prática e não frutífera na modalidade a distância.

A análise dos dados demonstrou que metade dos professores pesquisados (4 entrevistados) realizou algum curso em recursos tecnológicos aplicados à Educação e/ou em metodologias em EAD. Desses, 2 atuam em ambas modalidades de ensino (presencial e a distância) e 2 professores atuam apenas no presencial.

A visão dos professores que realizaram capacitação e atuam na modalidade a distância é a de que *a formação de professores depende de vários fatores e eles podem ser contemplados na EAD.* (P1) Se um curso de Pedagogia for *bem estruturado* e contar com *professores qualificados* é possível *formar bons profissionais.* (P1) No entanto, para que se tenha um resultado positivo na aprendizagem, é necessário, também, que o aluno *entenda qual é a proposta do curso, bem como suas responsabilidades com o mesmo.* (P1)

O papel do aluno na modalidade a distância, como destacou o professor P1, é de extrema importância. Conforme Netto (2006, p. 82), “apesar de os alunos que se matriculam

em cursos em EAD expressarem suas expectativas por um aprendizado dinâmico e interativo, muitas vezes demonstram não estar preparados para serem alunos virtuais”. Uma das maiores virtudes da EAD, que é o livre arbítrio por parte do estudante na escolha do local e horário para estudar, pode transformar-se num problema se o aprendiz não possui disciplina e está preso aos paradigmas da educação presencial.

Para o professor P2, é possível formar bons profissionais a distância desde que o curso de Pedagogia *tenha uma boa proposta pedagógica, uma equipe de profissionais qualificados, entre outras variáveis*. Na fala do professor P2, ao relatar sua experiência com a licenciatura a distância, é possível verificar um total domínio das tecnologias e metodologias em EAD:

Experiência "a": estudantes de um curso de pedagogia a distância, com uma concepção pedagógica baseada na construção do conhecimento, com uma metodologia baseada na interdisciplinaridade e em que o grupo docente era extremamente qualificado e atento as suas áreas e à utilização das tecnologias na educação. As estudantes vivenciaram na prática o desenvolvimento de projetos de aprendizagem tendo como apoio as ferramentas digitais (*blogs, pbwikis, pbworks...*). Isso tudo desde o início do curso. Tivemos estudantes que postavam em seus blogs pessoais que tinham além de realizado uma formação pedagógica, descoberto outro mundo a partir das tecnologias educacionais. [...]

O objetivo desta minha reflexão não está em supervalorizar a Educação a Distância. Até porque da mesma forma que temos bons cursos presenciais, também temos cursos ruins, e isso também vale para a EAD.

Concluo, então, que a modalidade a distância, por "forçar" o envolvimento com a tecnologia (mídias digitais, virtuais), pode sim oportunizar um "estar junto virtual".

Na maioria das vezes, a Educação a Distância não fez parte da realidade dos professores que atuam na modalidade a distância. Assim,

[...] para poder formar uma inteligência própria, capaz de criar projetos relevantes e de qualidade em suas salas de aulas, o professor precisa ter passado pelo processo de aprender dentro de uma sala de aula virtual, usando todas as tecnologias disponíveis nesse espaço. Nos cursos a distância, a postura, os recursos, a forma de estudar são muito diferentes do que normalmente se encontra nos cursos presenciais. Para que os professores possam compreender adequadamente as dificuldades e facilidades de seus alunos *online*, eles precisam, com certeza, ter sentido “na pele” como é este processo, o que ele cobra e o que ele oferece para aqueles que por ele passam. (BRANCO, 2003. p. 426).



Dos outros 2 professores pesquisados que realizaram algum curso em recursos tecnológicos aplicados à Educação e/ou em metodologias em EAD, mas que atuam apenas no presencial, acreditam que é possível a formação de professores a distância. No entanto, um curso de Pedagogia requer um número maior de encontros presenciais do que somente prova, laboratórios de aprendizagens e estágio de docência.

Segundo o professor P6, *a formação a distância é uma realidade no mundo contemporâneo, mas ainda há necessidade de se alocar espaço maior no curso a distância para o trabalho presencial, principalmente em se tratando de formação de professores. A mediação corporal, o olho no olho é comunicação fundamental e necessária para o incentivo ao desafio de aprender a apreender.*

A visão dos professores que não realizaram capacitação em recursos tecnológicos e/ou em metodologias em EAD e, também, não atuam na modalidade a distância é arraigada na presencialidade. Para eles, a formação de professores deve ser exclusivamente presencial.

Para o professor P3 *um curso de formação inicial de professores deve ser presencial, pois será durante esse curso que os alunos estabelecerão relações e conseguirão desenvolver processos de aprendizagem que sim, devem incluir o uso das novas tecnologias.*

O professor P4 corrobora com essa ideia ao afirmar que *a formação inicial de professores fica fragilizada com tantas aulas a distância, pois se há aspectos que podem ser trabalhados a distância, há outros, sobretudo os que tratam da interlocução entre professores e futuros pedagogos que necessitariam ser de forma presencial.*

O professor P7 mostra-se bastante pessimista quanto ao perfil docente formado pela modalidade EAD. Segundo ele, *a modalidade presencial também apresenta dificuldades na formação do professor, mas tem um ponto muito positivo: a interação direta entre professor/aluno/professor.* No entanto, conforme aponta esse professor, há outros aspectos que devem ser considerados antes da discussão sobre a modalidade de ensino.

Acredito que a formação de professores não está na modalidade oferecida, mas em questões de formação anterior, carreira, salário, que faz com que os alunos que buscam esse tipo de formação sejam os que apresentam resultados piores no vestibular, no ensino médio, etc. Portanto, devemos nos perguntar como qualificar os docentes, garantindo uma carreira de futuro e de condições básicas de trabalho e sobrevivência. Além disso, há uma condição *sine qua non*: gostar de estudar e aprender, o que não é encontrado nos cursos de Pedagogia.

Pelos depoimentos dos sujeitos da pesquisa é possível inferir que os professores que estão capacitados para atuarem na EAD acreditam nas possibilidades de aprendizagem na modalidade a distância. Já os professores que responderam que não realizaram cursos de

tecnologias e metodologias em EAD apresentam uma visão negativa sobre formação de professores a distância. Essa resistência está relacionada com um despreparo diante dessa nova realidade educacional e um desconhecimento de estratégias didáticas específicas para a modalidade EAD.

Contudo, é preciso salientar que a capacitação para a Educação a Distância não se restringe somente aos aspectos tecnológicos e pedagógicos. Além disso, é preciso “estudos e reflexões sobre os novos processos de comunicação, sociais e psicológicos que ocorrem nas comunidades virtuais. Novas formas de agir, de se comunicar e de trabalhar pedagogicamente com conteúdos mediados por tecnologia exigem outro tipo de formação” ([Kenski, 2011]).

## **5. Considerações Finais**

Segundo Aretio (2007) e Prensky (2010), no século XXI muitas das ideias e pressupostos que temos acerca da produção do conhecimento e difusão da informação foram colocados em questão face ao desenvolvimento tecnológico e à globalização da economia, à mundialização da cultura e à integração em larga escala do processo de comunicação. Isso, evidentemente, afeta a forma como os jovens percebem e entendem o papel da escola e atuação dos seus professores.

Os mesmos alunos que demonstram apatia e falta de motivação na sala de aula são aqueles que no seu tempo “pós-escola” são trabalhadores persistentes e concentrados, que aprendem com seus pares através da Internet, YouTube, televisão, games, celulares e uma série de oportunidades criadas por entidades não formalmente associadas à escola, como torneios empreendedores patrocinados por empresas diversas na busca de talentos e ideias inovadoras.

Prensky (2010) salienta que as habilidades de atenção e concentração dos alunos de hoje mudaram e sua atenção é canalizada para interesses pessoais e do seu grupo de referência (geralmente virtual). Eles se mantêm conectados 24/7 e suas expectativas e pensamentos são muito diferentes dos seus professores.

A modalidade EAD não é nova, porém na sua forma online, apoiada por plataformas virtuais, ou seja, recursos digitais e tecnológicos associados à Internet, vestiu-se de uma roupagem nova e a ela foi atribuído o caráter de inovação. Essa situação causou e causa muita polêmica e restrições, porque a inovação em Educação não está ligada aos recursos, e sim à forma de trabalhar. Quem faz novas metodologias e constrói novas possibilidades para se

ensinar e, por consequência, facilitar o aprendizado dos nossos alunos é o professor, e não a tecnologia. (GIRAFFA, 2009)

Vivemos o paradoxo de ensinar de uma maneira que não fomos ensinados. Isso é desafiador e ao mesmo tempo preocupante. O objetivo desta investigação foi comprovar a percepção que tínhamos da nossa vivência docente e de trabalho ao longo de muitos anos com educação tecnológica. Constata-se que apesar dos esforços governamentais e particulares, vivemos numa época de transição. Temos os professores com conhecimento a ser compartilhado, milhares de alunos sem acesso a eles, devido ao contexto econômico-político-geográfico do país, e a democratização do acesso à educação superior. Dessa forma, a EAD pode contribuir muito para auxiliar a melhorar esse quadro.

A despeito do que se ouve nas reportagens de rádio e televisão e se difunde nos jornais, a EAD enfrenta problemas de qualidade assim como o ensino presencial. Com a regulação e os processos de acreditação que estão sendo construídos, é questão de tempo para poderemos observar bons resultados. No entanto, para que isso aconteça, precisamos de professores preparados e novas formas de trabalhar com as possibilidades que as tecnologias, cada vez mais diversificadas, nos colocam à disposição. É necessário menos preconceito e mais atualização docente.

## 6. Referências

ARETIO, L.G.; CORBELLA, M.R.; FIGAREDO, D.D. **De la educación a distancia a la educación virtual**. Barcelona: Ariel, 2007.

BRANCO, Adylles Castello. A portaria n.º 2.253/2001 no Contexto da Evolução da Educação a Distância nas Instituições de Ensino Superior do Brasil. In: **Educação Online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

GIRAFFA, L.M.M. Uma odisseia no ciberespaço: o software educacional dos tutoriais aos mundos virtuais. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, v. 17, n. 1, 2009.

KENSKI, Vani Moreira. **Um Novo Tempo para a Educação**. Disponível em:

<http://www.ead.sp.senac.br/newsletter/janeiro06/variedades/variedades.htm> . Acesso em: 10 out. 2011.

NETTO, Carla. Interatividade em Ambientes Virtuais de Aprendizagem. In: Faria, Elaine Turk. **Educação presencial e virtual: espaços complementares essenciais na escola e na empresa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

NETTO, Carla; GIRAFFA, Lucia, M. M.; FARIA, Elaine Turk. **Graduações a Distância e o Desafio da Qualidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. 145 p.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1999.

MORAES, Roque, GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007. 224 p.

PRENSKY, M. **Teaching Digital Natives**: partnering for real learning. Califórnia: Corwin, 2010.

SOMMER, Luís Henrique. **Formação Inicial de Professores a Distância**: questões para debate. Disponível em:

<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1787/1351>. Acesso em: 05 out. 2011.